

MICELI, SERGIO.
*VANGUARDAS EM
RETROCESSO.*
SÃO PAULO:
COMPANHIA DAS
LETRAS, 2012

Carlos David Suárez Morales*

Vanguardas em retrocesso, o mais recente livro do sociólogo Sergio Miceli, aborda, em perspectiva comparada, as vanguardas literárias, artísticas e acadêmicas de Brasil e Argentina na década de 1920. Já mercidamente afamado, o estudioso carioca condensa nesta produção uma intensa e variada experiência de colaboração intelectual e institucional que reflete o fôlego da chamada “história intelectual” nestes dois países.

Com efeito, uma importante quadrangulação entre unidades acadêmicas dos Estados Unidos, da França, da Argentina e do Brasil albergou o desenvolvimento das inquietações de Miceli durante os últimos dez anos, nos quais produziu os sete capítulos que formam o livro, boa parte já publicada anteriormente em forma de artigos em livros e revistas. Dessas colaborações, como o mesmo Miceli reconhece em sua introdução, a que mantém com a equipe de pesquisadores da Universidade de Quilmes, na Argentina, é provavelmente a que mais marcas deixou em seu trabalho, o que se pode

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e bolsista de CNPq/Capes. Historiador pela Universidad Nacional de Colombia.

perceber, inclusive, pelo campo disciplinar em que o sociólogo se coloca na obra, o da história intelectual.

Miceli apresenta um livro de ensaios de história social e intelectual comparada. É bom lembrar que, nas últimas quatro décadas, Miceli tem escrito estudos de sociologia da cultura, em especial da literatura e das artes plásticas modernistas, que hoje são imprescindíveis nas discussões sobre o percurso cultural do Brasil e que levam adiante os historiadores.¹ Em diálogo com os historiadores argentinos, o projeto intelectual de Miceli parece ter tomado um rumo mais diretamente vinculado com essa disciplina. Para quem é figura central de um departamento com forte identidade disciplinar, como é o caso da Sociologia da USP, o gesto de Miceli é mais que significativo.

Miceli organizou seu livro em sete capítulos. Na introdução e no primeiro capítulo, esboça um retrato do conjunto dos escritores argentinos e brasileiros da vanguarda e, no segundo e no terceiro, estuda o itinerário intelectual do jovem Jorge Luis Borges nos anos 1920, arriscando até uma breve comparação com o de Mário de Andrade, a quem dedica o quarto capítulo. O quinto e o sexto debruçam-se numa comparação mais sistemática de alguns pintores e escritores: primeiro Xul Solar e Lasar Segall, depois Tarsila do Amaral e Ricardo Güiraldes. No capítulo que encerra o livro, Miceli se concentra em dois personagens centrais na formação das ciências sociais: Gino Germani e Florestan Fernandes.

Esta história social comparada dos escritores, artistas e acadêmicos estudados por Miceli tem como horizonte de inteligibilidade o processo de construção dos campos intelectuais na Argentina e no Brasil. Desse modo, parte de algumas considerações “estruturais” sobre o relacionamento entre o poder político e a organização das atividades artísticas e literárias, problema que Miceli tem colocado no núcleo de seus trabalhos anteriores.

Outras considerações “estruturais” foram adequadamente escolhidas para a comparação. Refiro-me especialmente às relações que cada um dos países comparados tinha com sua ex-metrópole, num contexto de “crise ibérica” que se estendeu entre fins do século XIX e as primeiras duas décadas do XX. Estas considerações completam o panorama inicial de duas sociedades “na periferia do capitalismo”, em processo de transformação, vulneráveis a pressões e influências semelhantes, mas que, contando com configurações

¹ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; *Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

de poder internas diferenciadas, acabaram construindo formações artísticas, acadêmicas e literárias dessemelhantes.

Este exercício comparativo produz alguns resultados valiosos e interessantes. Quero salientar aquele da diferença entre o tipo de ajeito – as “modalidades de encaixe” – entre os escritores e o poder político: enquanto no Brasil a presença do Estado é intensa e permanente, na Argentina são os “magnatas da imprensa” os que exercitam o mecenato. Miceli sugere que esta diferença provém da experiência imperial no Brasil e, na Argentina, da relação de conflito entre os intelectuais e Juan Manuel de Rosas, ambas as experiências políticas pós-independência. Os efeitos desta divergência estrutural afetam também a relação com os regimes populistas, uma questão já bem assinalada na historiografia, e o papel da universidade e das ciências sociais no século XX, como fica bem exposto no capítulo final de *Vanguardas em retrocesso*.

Outro contraste valioso apontado por Miceli refere-se à atitude dos escritores em relação a sua participação na imprensa: os argentinos teriam assumido essa atividade como fonte de insumos para os trabalhos literários, enquanto os brasileiros se esforçaram por separar a escrita de ficção da jornalística.

A história social e intelectual proposta neste conjunto de ensaios fundamenta-se também na análise de várias características dos itinerários: a vida familiar (patrimônio, posição dentro da linhagem, redes de sociabilidade familiar, percursos espaciais referentes à origem provinciana ou urbana do clã e às viagens), as etapas de formação escolar, as atividades e condições de iniciação na carreira como pintor, escritor ou cientista social, as “alianças amorosas” e as tomadas de posição, especialmente em relação ao sensível assunto da imigração, central nas discussões sobre a nacionalidade que marcaram o horizonte dos experimentos estéticos e políticos das vanguardas latino-americanas.

Os dois capítulos dedicados a Borges formam o estudo mais sistemático dedicado a um autor. Neles aparece o alcance do escopo metodológico apontado para o estudo de figuras intelectuais, apesar de não haver um caráter comparativo igualmente sistemático. Miceli logra, nestas páginas, reconstruir o universo familiar letrado de Borges, mostrando até que ponto sua iniciação e mesmo sua vocação como escritor foi decidida no marco das sociabilidades familiares, no meio de dificuldades e privilégios estritamente relacionados aos vínculos de clã, e como os primeiros trabalhos literários foram também dedicados a esse universo social no qual o jovem Borges virou um escritor à vanguarda de sua geração.

Alguns retratos paradigmáticos, pela semelhança dos processos, resultam da comparação feita entre outras figuras do modernismo portenho e brasileiro – especialmente paulista – nos outros capítulos do livro, tais como as origens

regionais dos nacionalistas de fim de século XIX e sua experiência de migrantes do interior da província para a capital, ou a quase idêntica experiência da viagem a Europa entre os mais conspícuos dos jovens artistas do novo século. O mesmo pode-se dizer da influência das alianças matrimoniais sobre trajetórias e obras, estudada nos capítulos sobre Xul, Segall, Tarsila e Güiraldes.

O campo de estudo do último capítulo é um dos mais originais, pois a história das ciências sociais na América Latina apenas começa a se escrever com as metodologias da sociologia da cultura e da história intelectual. O capítulo sobre Florestan e Germani sai dos anos 1920 e passa num pulo até a década de 1940. Mas este pulo deixa de parecer tão drástico quando Miceli contextualiza o aparecimento da sociologia na luta mantida entre a nova disciplina e a tradição ensaística de crítica da cultura, que cobrou um novo fôlego justamente nos anos 1920, entre os intelectuais “bem nascidos”. Em boa parte, este capítulo mostra a outra cara da moeda, o reverso histórico das tradições anteriores – as das vanguardas – de trabalho intelectual, baseadas num “cabedal” variado e bem nutrido com conhecimentos de línguas estrangeiras e de linguagens artísticas, alicerçado em viagens a Europa e relações familiares com a elite do país.

A nova ciência social permitiu a ascensão social a personagens desprovidos dos capitais sociais e culturais em que se baseavam as carreiras literárias mais tradicionais. Gino e Florestan foram verdadeiros *outsiders* que encontraram “quase às cegas” um espaço nas universidades em expansão e no apoio oferecido por instituições estrangeiras, principalmente dos Estados Unidos. Sem nada a perder na aventura de aderir a uma nova profissão, estes filhos de imigrantes ou de uma empregada doméstica foram, em geral, estudantes bem dispostos a abraçar um repertório de conhecimentos e métodos de trabalho intelectual áspero e até “ascético”: uma cultura cientificista dependente do treinamento universitário e, finalmente, como acertadamente remata Miceli, dos modelos estrangeiros de pensamento social.

O esforço comparativo de Miceli tem também seus limites. É comum cobrar do sociólogo carioca certa visão do modernismo concentrada na experiência paulista. Se bem que ele faça alguma menção rápida aos mineiros e cariocas, em *Vanguardas em retrocesso*, confirma-se, mais uma vez, sua preferência pela vertente paulista do modernismo brasileiro.

Ademais, podem ser feitas ressalvas ao trabalho, algumas delas referentes à comparação entre Mário e Borges, onde Miceli afirma – e esta é sua tese central no livro – que as vanguardas refletiam as posições conservadoras e nostálgicas dos membros mais jovens das velhas famílias de linhagens poderosas que, na década de 1920, se encontravam em estágios

diferenciados de decadência. Esta origem social haveria de marcar a poética e o pensamento nacionalista destes autores e, em geral, da geração que lideraram. Miceli mostra bem que Borges canta esse universo social e simbólico – seu bairro, sua língua – ameaçado, mas nisto não poderia reclamar originalidade, levando em conta o já clássico estudo da crítica Beatriz Sarlo, em que ele mesmo reconhece se basear.² Por outro lado, depois de fazer uma generalização como a já dita, Miceli não explora o contraste que oferece a celebração que Mário faz da cidade, das indústrias, do comércio e da nova paisagem social dos imigrantes, com suas variações sobre a língua de São Paulo. O ponto é de relevância, pois Miceli chega até a afirmar que estes dois personagens refletem o núcleo das questões que orientaram a poética nacionalista das vanguardas em seus países. Por outro lado, é bom reconhecer que Miceli assinala, inteligentemente, a incômoda posição de Mário na elite paulista, em razão de sua pigmentação herdada de seus ancestrais mulatos.

Outra crítica que se pode fazer aos ensaios refere-se a um filão que fica lamentavelmente inexplorado: o gênero. Apesar de um dos ensaios ter o gênero como parte integral do escopo, até em seu título, e mesmo o autor assinalando no começo do livro o contraste entre as ocupações artísticas mais abertas para as mulheres – a literatura na Argentina e a pintura no Brasil – Miceli não arrisca uma explicação desta diferença tão sugestiva.

Para finalizar, o livro de Miceli, de escritura requintada, contribui para o desenvolvimento da historiografia comparada entre Argentina e Brasil que felizmente se encontra em crescimento, assim como a referência aos “intercâmbios” e as “mediações culturais” entre estes países.³ É igualmente bem-vinda a colaboração com o grupo de pesquisa que, na Argentina, desenvolve intensamente o projeto de uma historiografia intelectual renovada. Sua perspectiva

² SARLO, Beatriz. *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel, 1995. Além disso, é preciso fazer menção ao fato da análise de Miceli dialogar intimamente com o clássico trabalho da autora argentina. Ainda mais, na introdução à edição brasileira do livro de Sarlo, Miceli esboçou o projeto comparativo contido em *Vanguardas em retrocesso*, o que indica bem o grau de interlocução que Miceli mantém com o trabalho de Sarlo, publicado originalmente em 1988 e inspirado em debates teóricos próprios da sociologia da literatura e da cultura. SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica. Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

³ Alguns trabalhos recentes produzidos em diversas tradições disciplinares são: SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Fapesp, 2007; DEVOTO, Fernando e FAUSTO, Boris. *Argentina-Brasil, 1850-2000. Un ensayo de historia comparada*. Buenos Aires: Sudamericana, 2008; GURGEL RIBEIRO, Maria Paula. *Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais*. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em língua espanhola e literatura espanhola e hispano-americana, FFLCH USP, São Paulo, 2008.

permite indicar contrastes e semelhanças no desenvolvimento dos campos intelectuais que, como sempre nos bons exercícios de comparação, abrem novas perspectivas de análise e mostram caras novas a cada lado da equação.

Referências bibliográficas

- DEVOTO, Fernando e FAUSTO, Boris. *Argentina-Brasil, 1850-2000. Un ensayo de historia comparada*. Buenos Aires: Sudamericana, 2008.
- GURGEL RIBEIRO, Maria Paula. *Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais*. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em língua espanhola e literatura espanhola e hispano-americana, USP, FFLCH, São Paulo, 2008.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica. Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac e Naify, 2010.
- _____. *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel, 1995.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG/ Fapesp, 2007.

Recebido: 17/02/2015 – Aprovado: 26/08/2015.